

Susana Cristina Marques Santos

A AULA DE DESCER ABISMOS

*“E fazer frente ao impossível
atrevidamente
e ganhar-lhe, e ganhar-lhe”
Almada Negreiros*

Sentada à mesa do jantar, troco com a família considerações de recém-licenciada. Constató, pela primeira vez e com alguma violência, que o mundo contemporâneo não foi feito para mim. Ou que eu não fui feita para o mundo contemporâneo. Sinto - fulminantemente e obscuramente e dolorosamente - que a matéria de que sou feita não poderá resistir a um só dos maravilhosos planos que a civilização humana tem preparados para mim desde há séculos: ser mulher, mãe, trabalhadora, cidadã. Crente, protestante. Ser amiga, ser amante.

Sou uma peça do puzzle que não encaixa, um produto industrial com defeito de fabrico.

Tenho por dentro um intruso, um inimigo inventível. Estou à mercê de um predador implacável. Compreendam: eu não posso esperar pelo Natal para que possa dizer que vos estimo. Eu não posso esperar pelo fim das coisas para que possa dizer que vos desejo bem. Do que eu preciso é de um mundo onde possa citar Rilke sem correr o risco de ser internada. Onde possa viver livremente o meu romantismo sôfrego e vagamente idiota. Um mundo onde possa aparecer - sem livro para devolver, sem DVD para pedir emprestado - e dizer “Tudo, excepto tu, é rotina peganhenta”!

Ouvir dizer “amo-te” era fácil, hoje já é mais complicado. Requer muito treino, não estamos preparados. Fomos educados para sermos acima de tudo eficazes. Nada nos foi dito na aula de descer abismos. Nada vem escrito nos livros que lemos. Tudo nos abala, nos confunde. Nos funde por vezes com o que, depois vemos, não é digno do nosso amor.

Ah, o amor. O amor faz-se se houver tempo. O amor faz-se aos bocadinhos e só se convier. O amor faz-se na pausa para o café. O amor é uma aberração. O amor mete medo. Chega-te para lá com esse “adoro-te”! Não me venhas com esse “gosto de ti”! Cai-nos a PIDE do amor em cima, és apanhado e vais dentro.

O amor quer-se preso pela trela. O amor quer-se de castigo no canto da sala. Pouca conversa, pouco barulho. O amor custa. Perde-se tempo e dinheiro. O amor está fora de moda. Não condiz com as batas brancas da biologia nem com os botões coloridos da tecnologia nem com a cor do papel dos contratos pré-nupciais. O amor é para meninos, ser-se crescido é outra coisa.

O amor foi-nos confiscado.

Não contem comigo. Eu não tenho jeito nenhum para ser a pessoa que todos esperam. Não tenho competência para ficar a ver o amor passar sem correr atrás. Compreendam: o amor é a minha campanha de Pavlov.

Estímulo-resposta, como me foi explicado na escola de fazer profissionais.

Eu não tenho jeito para telefonemas nem para passeios em centros comerciais.

Não contem comigo para ser cão que ladra mas não morde. Não contem comigo para não dizer o que não é suposto. Para cancelar beijos, inventar pretextos, sufocar euforias, adiar alegrias. Para vos escutar em silêncio.

Para vos poupar ao meu amor, não contem comigo. Compreendam: eu não me posso comprometer.

